



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1213

A HISTORIOGRAFIA DO PARANÁ REFERENTE AO ESPAÇO PARANAENSE: NOTAS DE PESQUISA

Wander de Lara Proença
(Universidade Estadual de Londrina)

O presente texto apresenta resultados de pesquisa sobre produções historiográficas, no ambiente das universidades do Paraná, que tomam o espaço paranaense como objeto de estudo. Busca-se perceber como os autores dialogam com o campo de saber estabelecido como “História do Paraná” e suas definições de espacialidade e temporalidade, além de identificar as transformações temáticas, conceituais e metodológicas nas práticas desses historiadores. Com base em Pierre Bourdieu, é possível analisar o poder simbólico expresso nas conjunturas intelectuais e políticas do campo educacional no período, subjacente no próprio discurso que se nomeia de “história regional” e as relações de poder que ele pressupõe; a partir de François Hartog, cabe a compreensão dos regimes de historicidade, que vinculam os historiadores e sua disciplina à consciência do tempo, como ciência da mudança e da transformação, também em si mesma. Textos de geógrafos e sociólogos que abordaram o Paraná nos anos 1950, somados às produções de uma matriz historiográfica dos anos 60 no ambiente da UFPR, serviram de base para trabalhos acadêmicos que replicaram representações de pioneirismo, vazio demográfico e ocupação pacífica pelos empreendimentos colonizadores, por exemplo, em diferentes regiões do estado. Buscando transpor esses limites, produções historiográficas recentes incluem novos enfoques temáticos e valorizam outros grupos sociais, destacando, por exemplo, questões ambientais, religiosidades, identidades e variedades culturais. O emprego de novas fontes e perspectivas metodológicas, com apreço ao uso de depoimentos orais, ritos, símbolos, imaginário, costumes, imagens e representações, contribuem diretamente para redefinições do olhar historiográfico sobre o espaço paranaense.

Palavras-chave: Historiografia paranaense; universidades; espacialidade; temporalidade.

Financiamento: CNPq

Introdução

O presente texto apresenta notas de pesquisa sobre a produção historiográfica elaborada nos espaços das universidades públicas do Paraná, que

tiveram como objeto de análise o espaço paranaense. Busca-se compreender como tais obras dialogaram com as construções do campo de saber estabelecido como “História do Paraná” e suas definições de espacialidade e temporalidade.¹ Problematizam-se questões, como: se a criação das universidades - os “lugares sociais” - no interior do Paraná teria levado os pesquisadores a formular novas espacialidades para suas pesquisas? Quais demandas de poder atenderiam estes “novos lugares sociais” e estas novas “espacialidades” do discurso histórico do regional? Quais disputas e campo de lutas se estabelecem na definição dos espaços regionais? Quais teriam sido os resultados destes novos “espaços de saber”: a fragmentação, a recusa ou a crítica da espacialidade construída pela primeira geração acadêmica da UFPR?

No final dos anos de 1980, e mais fortemente nos anos de 1990, as transformações no campo da historiografia - evidenciadas pela expansão da história da cultura, os estudos do simbólico e das representações - fizeram que o fenômeno *região* também passasse a ser analisado por essa perspectiva. Compreendia-se, então, que não existiam critérios objetivos ou “naturais” que pudessem definir o que seria uma “região”. A partir, principalmente, da influência de Pierre Bourdieu, pensava-se que todas as ordens de discursos que procurassem explicitar identidades e especificidades de um determinado espaço nomeado de região, incidiam no “poder simbólico” ou no “campo da luta simbólica” (BOURDIEU, 1989, p113). As análises passaram a tomar a história regional como um discurso que participava da “luta de representações” de duas formas: primeira, a fixação do seu objeto já seria um campo de luta com outras disciplinas ou ainda uma disputa dentro do campo historiográfico com outras interpretações sobre a “história regional”; segunda, a tentativa de objetivação científica do discurso regionalista, criando um suporte autorizado pelo “capital simbólico” investido na figura do historiador, seria uma luta de legitimação do recorte regional.

¹ Esse texto é parte de resultados obtidos com o projeto de pesquisa em andamento na Universidade Estadual de Londrina, intitulado “A historiografia no Paraná (1970-2013): os historiadores, seus lugares e suas regiões”.

Para um melhor encaminhamento metodológico, apresentamos o conteúdo do artigo, a seguir, sistematizado em fases. A primeira fase da produção historiográfica no Paraná, abordando o contexto regional, dentro da instituição *universidade*, situa-se nos anos de 1950 e 60. Nesse momento, existia na Universidade Federal do Paraná - UFPR - em Curitiba, no Departamento de História, um grupo de professores e pesquisadores que formatou a primeira geração de textos oriundos desse “lugar social”: a academia. Essa produção construiu uma primeira definição da ideia de região – Paraná - e deu suporte a uma história contida, em termos espaciais, na definição do Paraná, como aparece em um livro organizado na década de 1960, por Faissal El-Khatib, composto por 04 volumes, que tratava da história “do Paraná”. Nessa publicação, no volume 01, participavam os principais pesquisadores da UFPR, da primeira geração de acadêmicos. Na apresentação, Bento Munhoz da Rocha Neto, intelectual e ex-governador do Estado, argumentava sobre a “necessidade de divulgação da história” paranaense. Reiterava essa importância por meio de dados acerca do “perfil psicológico do paranaense tradicional face ao crescimento demográfico, à ocupação desordenada do território, ao surto cafeeiro, ao pioneirismo inovador e aos próprios conflitos sociais decorrentes desses processos” (EL-KHATIB, 1969).

Uma segunda fase, da formatação ou construção da ideia de uma região paranaense oriunda do “lugar social” da *academia*, ocorre no próprio Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, na década de 1990, quando as definições de região, anteriormente estabelecidas por aquela primeira matriz historiográfica, tornaram-se objeto de estudos e reflexões. Esses estudos analisaram a produção dos “discursos” sobre a região, tomando-os como operações políticas e de poder na construção de identidades e domínio político.² A proposição de Cristiane Szesz exemplifica a opção metodológica dominante naquele momento:

² Com esta perspectiva foram produzidos, na pós-graduação do Departamento de História da UFPR, entre outros, as seguintes pesquisas: PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **Paranismo - o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997; SZESZ, Christiane Marques. **A invenção do Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas – 1889-1920**. Curitiba, 1995. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, 1995; SZVARÇA, Décio Roberto. **O forjador: ruínas de um mito - Romário Martins, 1893-1944**. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004.

A história regional é vista por nós como um modo de fazer existir a região, como um estudo dominado por perspectivas e imperativos ostensivamente adequados à reprodução do Paraná. Ao invés de buscar uma continuidade histórica para essa identidade paranaense, para esses recortes temporais e espaciais, este trabalho busca suspeitar dessas continuidades, pondo em questão a construção dessa identidade, e dessas fronteiras fixas da região, introduzindo a dúvida sobre esses objetos históricos canonizados (SZESZ, 1995, p.315).

O objeto dessas pesquisas era a produção estabelecida, que já havia se tornado parte da “cultura histórica” e circulava em manuais didáticos e livros de divulgação mais ampla. Para as análises dos anos 90, a produção da primeira geração acadêmica aparecia com o estatuto legitimado e legitimador de uma “história do Paraná”, vinculada a operações de dominação e poder inerentes ao fenômeno das “construções de identidade”. A proposta dos anos 90 seria a sua “desconstrução” dessas assertivas. Um dos questionamentos consistia em investigar se havia “quebra” do discurso de “uma” história do Paraná formulada, ainda no começo do século XX, por, entre outros, Romário Martins, na formulação que havia sido atualizada e legitimada pela academia nos anos de 1950/1960, pela primeira geração de historiadores acadêmicos da UFPR. Nessas conclusões revisionistas, poder-se-ia afirmar que não se concebia mais um único “passado” unificado que desse suporte à “região”, nem à formação de “um” paranaense que tivesse sido formado por esta experiência em comum no passado do *espaço Paraná*.

Uma terceira fase do momento de luta no “campo simbólico das representações”, pode ser situada a partir do início da década de 1970, quando começaram a se constituir as instituições universitárias estaduais no interior do Estado. Foram criadas nesse período as Universidades Estaduais de Londrina (UEL), Maringá (UEM) e Ponta Grossa (UEPG), sediadas nas respectivas cidades. No início de 1980 surgia a UNIOESTE- Universidade do Oeste do Paraná, sediada em Cascavel e com campus em várias cidades. O Departamento de História ficou sediado em Marechal Cândido Rondon.³ Nas décadas de 70 e 80, diversos

³ No final dos anos de 1990 e no início da década seguinte surgiram a UNICENTRO – Universidade do Centro Oeste do Paraná, sediada em Guarapuava e a UENP- Universidade do Norte Pioneiro, sediada em Jacarezinho. Mais recentemente, a UNICENTRO, constituiu um Programa de Mestrado em História.

professores dessas instituições, impulsionados pelas demandas das carreiras acadêmicas, procuraram cursos de pós-graduação em instituições mais antigas, como a própria Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade de São Paulo - USP; e na década de 1980, as Universidades Estadual Paulista (UNESP) e a de Campinas (Unicamp). Assim, surgiu pela pesquisa desses docentes, uma série de pesquisas em história, e também na geografia e sociologia, que abordavam o território paranaense.

Esses novos lugares sociais - as universidades – influenciaram diretamente a visão historiográfica a respeito do Paraná. As produções oriundas dessa atmosfera acadêmica, por meio de projetos de mestrados e doutorados dos professores que buscavam titulação para atender à demanda universitária, abriram um leque de novas possibilidades de análises e abordagens para a historiografia que ascendia cada vez mais, participando, juntamente com a virada historiográfica nacional, do processo de construção da cultura histórica, mesmo que em uma pequena região em relação ao grande país. Como exemplos da primeira fase da produção desse “lugar social” - Universidades Estaduais paranaenses, com pesquisas realizadas na UFPR, USP, UNICAMP e UNESP - podem ser citados os seguintes autores e trabalhos: “A cafeicultura paranaense”, Nadir Cancian; “PSD-UDN: articulação e conflito na política paranaense”, Evandir Codato; “Pioneiros do capital”, Ana Yara D. P. Lopes; “O fenômeno urbano numa zona pioneira”, France Luz; “Estudo do povoamento, crescimento e composição da população do norte novo do Paraná”, Maria Adenir Peraro; “Certeza de lucro e direito à propriedade”, Nelson Dácio Tomazi e “Norte do Paraná: história e fantasmagorias”; “O Eldorado: representações da política em Londrina”, José Miguel Arias Neto; “Imagens do progresso: barbárie e civilização”, Sonia Maria E. Lopes Adum; “Os euro-brasileiros: a colonização do oeste do Paraná”, Valdir Gregory; “O centro e as margens: boemia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina: 1930-1970)”, Antonio Paulo Benatti; “As guerras épicas dos kaingang”, Lúcio Tadeu Mota, entre outros.

Para exemplificar essa produção, destacaremos, a seguir, três obras desta fase. A primeira, intitulada *Norte do Paraná: história e fantasmagorias*, de Nelson Tomazi. O objetivo central do autor é reconstruir o discurso “Norte do Paraná” e o

conjunto de ideias e imagens presentes nas produções historiográficas cuja preocupação consistia em se atentar a um discurso legitimador, responsável por uma série de “verdades” e silêncios sobre a reocupação da região. A obra busca dar vozes para indivíduos históricos até então esquecidos ou deixados em segundo plano pelos trabalhos acadêmicos precedentes; questiona o discurso dominante, que silencia outras memórias e personagens e desmistifica determinadas narrativas que propagam fantasmagorias sobre a região. Apresenta exemplos dessas fantasmagorias.

A primeira: sobre o vazio demográfico, configurada pela ideia de que a mata era virgem. Tal visão desqualifica a presença indígena da região. Tomazi valoriza o emprego do termo (re)ocupação, exatamente para desconstruir a ideia de que a região norte paranaense consistia em um “vazio demográfico” no período de estabelecimento do projeto colonizador capitaneado pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Cita algumas obras que contribuíram para a propagação desse olhar. Na obra de René Mussalam – em dissertação de Mestrado, defendida em 1974 na UFPR – empregam-se os termos: “sertão praticamente desconhecido e desabitado”. Com isso, ignora-se a presença de índios e caboclos na região. Outro trabalho é o de Nadir Cancián - em tese de Doutorado em História, defendida em 1977, na USP – no qual aparecem as expressões: “terras virgens; quase impenetradas”.

Outra fantasmagoria se configura na ideia de que chamado Norte Velho foi ocupado pela grande propriedade. Tomazi destaca que há um silêncio sobre os pequenos proprietários já presentes na região desde o século XIX. Por que essa omissão? Para valorizar o projeto da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP); também para vincular a região ao modelo paulista de cafeicultura.

De igual modo, a assertiva que ignora – ou omite - a violência na “terra da Promissão”. Milhares de posseiros com suas roças e ranchos, sofreram invasão e tomada de suas terras. A CTNP sempre negou o uso da violência para tornar suas terras livres. Entretanto, Tomazi cita registros de que a Companhia empreendeu ações “para remover e sanear”. Além do que, a CTNP tinha uma força policial particular para realizar o trabalho conhecido como “limpa trilhos” – em que está

implícita a desobstrução, por exemplo, de áreas ocupadas por indígenas e posseiros. A colonização inglesa, desde o seu momento inicial, na década de 1930, empreendeu forte apelo propagandístico no sentido de atrair novos investimentos a estas terras, apontando para o aspecto “paradisiaco” da região, com noções de vivência harmoniosa e pacífica. A historiadora Enezila Lima constata bem esta atmosfera que ocultava conflitos:

A cadeia era lugar de descanso...(diziam). Ou seja, o paraíso perdido poderia ser encontrado nos domínios da Companhia de Terras Norte do Paraná, *onde não havia ladrões, os crimes eram raros, conflitos de certa gravidade raramente aconteciam* [grifo nosso] (...) (Anais do VIII Seminário de Pesquisa em História – UEM, 2000, p.44)

E, finalmente, a fantasmagoria de que o norte do Paraná foi o espaço singular de acolhimento à diversidade étnica e social. Apregoa-se que a identidade norte paranaense foi demarcada pelo convívio harmonioso na ocupação por gente tão diversa; teria havido nesse espaço o sentido democrático de integração, construindo uma unidade com mais de 30 nacionalidades diferentes e pessoas de diversos lugares do território brasileiro que afluíram para a região. Pondera, Tomazi, que há uma omissão quanto a exclusão *do* e *no* “Novo Eldorado”: inicialmente, de indígenas e caboclos; no final dos anos 1970, com o processo de exclusão de colonos e trabalhadores volantes, quando pela crise no campo milhares de trabalhadores foram expulsos para outras fronteiras, como por exemplo, Rondônia e Mato Grosso, deixando para trás cidades fantasmas. Dados censitários dos anos 1990 apontam para mais de 1 milhão e 100 mil pessoas deixando a região; expulsos do paraíso, migraram para outras fronteiras em busca de novas representações do ouro verde.

Outra obra a ser considerada, é *O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)*, fruto de uma dissertação de mestrado desenvolvida por José Miguel Arias Neto, na Universidade de São Paulo (USP), em 1993, e publicada como livro no ano 1998, com reedição no ano de 2008. Em busca de titulação, como forma de seguir carreira acadêmica, o autor contribui com sua formação não apenas para a expansão da UEL em seus programas na área de história, como também propicia a disseminação de perfis epistemológicos pertencentes a uma outra escola

de pensamento – no caso, a USP – na formação de novos pesquisadores que tomarão o espaço paranaense como recorte de estudo. O autor apresenta um recorte temporal e espacial, que trata da cidade de Londrina, de 1930 a 1975. No contexto de elaboração da obra, Londrina crescia como polo regional de bens e serviços, como a terceira mais importante cidade do sul do Brasil. Considerando as teses do Eldorado e da Terra de Promissão, problematiza-se a questão de ser o norte do Paraná o lugar ideal para o progresso e de fácil instauração do capitalismo, relacionando-se, desta forma, à demanda de poder simbólico, aqui representada pelo capital de progresso.

Na escrita do texto, Arias Neto inova ao se utilizar de uma historiografia não mais marcada pela ênfase no econômico, abrindo assim oportunidades para novas temáticas, como cultural ou cultura política. Mesmo não sendo inaugural na abordagem de temáticas referentes à região norte do Paraná, o autor apresenta aspectos originais em seu trabalho, especialmente no emprego de noções conceituais relativas a imaginário e representação, com dimensões do simbólico ao tratar de questões políticas. O mérito do trabalho também reside na riqueza de fontes que o autor utiliza, como crônicas, álbuns, depoimentos orais, além de documentos oficiais, periódicos e revistas.

Nesse aspecto, contribui igualmente para criar novas representações de uma espacialidade referente à cidade de Londrina e ao norte do Paraná, ao empregar termos como Eldorado, Nova Canaã, Terra da Promissão. Esse novo olhar sobre a região promove também uma crítica revisionista à espacialidade paranaense construída pela primeira geração acadêmica situada na UFPR, até os anos 1970, que considerava em seus trabalhos essa região do Estado apenas como uma espécie de capítulo extensivo da história nacional, ou então, de forma genérica, como uma extensão unificadora da história geral paranaense. Sem desvincular a região desse quadro mais amplo, Arias Neto considera em sua análise o detalhamento e o específico, ao apresentar os diferentes grupos que migraram para a região de diferentes lugares do país, motivados por anseios econômicos, porém não desvinculados de representações, valores e imaginários, capazes de criar novas identidades, nova territorialidade.

Desconstruindo a ideia de um ponto histórico comum a todo o território paranaense – formatado, por exemplo, num ideal de *paranismo* – o autor considera a especificidade da região, destacando assim a necessidade de se pensar o norte do Paraná como uma nova espacialidade que comportou esses “outros paranaenses”, formatando assim novos suportes espaciais, que contribuem com a ideia de *região*, demarcada como *espaço norte paranaense*. Circunscreve assim, o interior do Paraná, lugar do novo paranaense – diferente do paranaense da capital – que tem seu próprio lugar de representatividade histórica, apontando assim para a formação de outras identidades.

Também se destaca o trabalho de Lúcio Tadeu Mota, vinculado ao ambiente da Universidade Estadual de Maringá. O livro de sua autoria, publicado em 1994, sob o título “As guerras dos índios kaingang: a história dos índios kaingang no Paraná (1769-1924)”, é resultado da sua dissertação de mestrado, desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mota traz importantes contribuições para a historiografia do Paraná. Na busca por titulação, fez mestrado em Antropologia e doutorado em História – cuja fronteira denota a tendência de valorização do diálogo interdisciplinar, no período. Sua obra de mestrado contribui diretamente para preencher uma lacuna na historiografia do Paraná: mostrar o encontro entre civilizações diferentes – índio e branco; e a devastação das comunidades indígenas no Paraná, do 2º para o 3º pl analto paranaense. Não apenas contempla a presença indígena que não estava devidamente contemplada nas obras sobre História do Paraná, como insere tais populações no cenário histórico da reocupação do espaço paranaense, destacando sua participação ativa no processo de resistência e luta de frente a invasão de seus territórios. A obra também tem seu mérito por demonstrar como se construiu a noção “de vazio demográfico” referente ao espaço paranaense, como pressuposto ideológico legitimador para as ações colonizadoras. A abordagem de sua obra e a atuação enquanto docente influenciaram significativamente a produção acadêmica na UEM. Contribuíram, por exemplo, para a abertura do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história, em 1996, como o propósito de pesquisar as relações socioculturais entre as populações indígenas no Sul do Brasil com as sociedades envolvidas.

E, por último, como uma fase mais recente das transformações da historiografia do Paraná voltada ao espaço paranaense, deve ser destacada a contribuição dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em história das universidades paranaenses, instalados no final dos anos de 1990. O primeiro foi um projeto da Universidade Estadual de Londrina e da Universidade Estadual de Maringá, iniciado em 1999 e extinto em 2002. Atualmente existem cursos de pós-graduação (mestrado) em história na Universidade Estadual do Oeste do Paraná; no campus de Marechal Cândido Rondon; na Universidade Estadual de Maringá; na Universidade Estadual de Londrina e, os mais recentes, na Universidade Estadual do Centro-Oeste e na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Para exemplificar, nessa fase de produção realizada nos próprios cursos de pós-graduação das universidades estaduais – entre 2006 e 2013 - podem ser apontados alguns dados ilustrativos. Na UEM, foram produzidas 62 dissertações, sendo que 21 mencionam o espaço paranaense em seus títulos. Podem ser citados, como exemplo: “Políticas restritivas aos japoneses no Estado do Paraná: 1930-1950”, Rosangela Kimura; “Lago de memórias: a submersão das Sete Quedas”, Ana Paula dos Santos; “Tekoha e Emã: a luta das populações indígenas por seus territórios e a política indigenista no Paraná da Primeira República - 1889 a 1930”, Eder da Silva Novak.

Na UNIOESTE, no período em estudo, foram defendidas 55 dissertações desde 2008, sendo que no título de 26 há referências ao território paranaense, como, por exemplo, “Peões da Barragem: trabalhadores, memória e relações de trabalho dos operários da construção da Hidroelétrica de Itaipu - 1975 a 1995”, Odirlei Manarin; “O 'colono' na cidade: memórias e viveres rural-urbanos em Marechal Cândido Rondon (Oeste do Paraná, 1970-2009)”, Raphael Pagliarini.

Na UEL, desde 2009 foram defendidas 32 dissertações, com 06 trabalhos tematicamente voltados ao espaço da cidade de Londrina ou de outras localidades do Paraná. Pode-se citar, como exemplo: “Identidade e memória de imigrantes japoneses e descendentes em Londrina (1930-1970)”, Priscila Martins Fernandes; “Parque Municipal Arthur Thomas em Londrina-PR: conflitos políticos e

socioambientais em um território de diversidade (1975-2009)”, Carlos Roberto Ballarotti.

Considerações Finais

A ampliação dos “lugares sociais” no interior do Paraná e a diversificação das temáticas, devido às reformulações historiográficas pós anos de 1970, proporcionaram às linhas de pesquisas, vinculadas a “história regional”, novas espacialidades. É possível perceber, conforme noção conceitual de François Hartog (2014), que paradigmas historiográficos deram lugar a um novo “regime de historicidade”, renovando assim em termos metodológicos e conceituais a produção historiográfica paranaense. Buscando transpor limites das fases precedentes, produções historiográficas recentes incluem novos enfoques temáticos e valorizam outros grupos sociais, destacando questões ambientais, religiosidades, identidades e variedades culturais. O emprego de novas fontes e perspectivas metodológicas, com apreço ao uso de depoimentos orais, ritos, símbolos, imaginário, costumes, imagens e representações, contribuem diretamente para redefinições do olhar historiográfico sobre o espaço paranaense.

Referências

ADUM, Sonia M. Lopes. **Imagens do progresso: barbárie e civilização (1930-1960)**. Assis, 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, 1991.

ANAIS do VIII Seminário de Pesquisa em História – UEM, 2000.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado. Representações da política em Londrina (1930-1975)**. São Paulo, 1993. (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, 1993.

BALLAROTTI, Carlos Roberto. **Parque Municipal Arthur Thomas em Londrina-PR: conflitos políticos e socioambientais em um território de diversidade (1975-2009)**. Londrina, 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Londrina, 2010.

BENATTI, Antonio Paulo. **O centro e as margens: boemia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina: 1930-1970)**. Curitiba, 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CANCIÁN, Nadir A. **Cafeicultura paranaense (1900-1970): estudo de conjuntura**. São Paulo, 1977. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 1977.

CODATO, Evandir. **PSD e UDN: Articulação e conflito na política paranaense, entre 1945 e 1950**. São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, 1991.

EL-KHATIB, Faissal (Org.). **História do Paraná**. Vol.1. 2ª. ed. Curitiba: Grafipar, 1969.

FERNANDES, Priscila M. **Identidade e memória de imigrantes japoneses e descendentes em Londrina (1930-1970)**. Londrina, 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Londrina, 2010.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial. Migrações no Oeste do Paraná**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo**. São Paulo: Autêntica, 2014.

KIMURA, Rosângela. **Políticas restritivas aos japoneses no Estado do Paraná: 1930-1950 (de cores proibidas ao perigo amarelo)**. Maringá, 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, 2006.

LOPES, Ana Yara D. P. **Pioneiros do capital. A colonização do Norte e Norte Novo do Paraná**. São Paulo, 1982. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, 1982.

LUZ, France. **O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá**. São Paulo, 1980. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, 1980.

MANARIN, Odirlei. **Peões da Barragem: trabalhadores, memória e relações de trabalho dos operários da construção da Hidroelétrica de Itaipu - 1975 a 1995**. Marechal Cândido Rondon, 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2008.

MOTA, Lúcio Tadeu. **A guerra dos índios kaingang: a história épica dos índios kaingang no Paraná (1796-1924)**. Maringá: Eduem, 1994.

NETTO, Bento Munhoz da Rocha. Prefácio. In: MACHADO, Brasil Pinheiro; BALHANA, Altiva Pilatti. **Campos Gerais: estruturas agrárias**. Curitiba: UFPR, 1968

NOVAK, Eder da Silva. **Tekoha e Emã: a luta das populações indígenas por seus territórios e a política indigenista no Paraná da Primeira República - 1889 a**

1930. Maringá, 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, 2006.

PERARO, Maria A. **Estudo do povoamento, crescimento e composição da população do Norte Novo do Paraná.** Curitiba, 1978. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, 1978.

PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **Paranismo - o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

SANTOS, Ana Paula dos. **Lago de memórias: a submersão das Sete Quedas.** Maringá, 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, 2006.

SZESZ, Christiane Marques. **A invenção do Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas – 1889-1920.** Curitiba, 1995. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, 1995.

SZVARÇA, Décio R. **O forjador: ruínas de um mito - Romário Martins, 1893-1944.** 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Certeza de lucro e direito à propriedade: o mito da Companhia de Terras do Norte do Paraná.** Assis, 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, 1982.

_____. **Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.